

AS MÚLTIPLAS FACES DE UM DIALETO POPULAR¹

THE MULTIPLE FACES OF A POPULAR DIALECT

Simone Osmari Lago² e Laurindo Dalpian³

RESUMO

O artigo é resultado de uma pesquisa sobre a fala de descendentes de imigrantes italianos. A base teórica apóia-se em autores da sociolinguística e da dialetologia. O *corpus* resultou de entrevistas, cuja transcrição, descrição e análise permitiram verificar as semelhanças e diferenças entre os falares dos informantes entrevistados. Foram constatadas grandes semelhanças de ordem fonética. A diferença mais marcante está na perda quase total das características dialetais de origem nas gerações mais novas. Isso vem demonstrar que a fala popular está em constante evolução.

Palavras-chave: fonética, dialeto, sincronia, diacronia.

ABSTRACT

This article is the result of a research on the speech of descendants of Italian immigrants. The theoretical basis is structured upon authors on sociolinguistics and dialectology. The *corpus* resulted from interviews, whose transcription, description and analysis allowed the checking of similarities and differences among the speeches of the interviewees. Great similarities were noted, specially in the phonetic fashion. The most outstanding difference is on the almost total lost of the dialectical characteristics of origin in the most recent generations. This shows that the people's speech is in constant evolution.

Keywords: phonetics, dialect, synchronic, diachronic.

1 Trabalho Final de Graduação - TFG.

2 Acadêmica do curso de Letras - UNIFRA.

3 Orientador - UNIFRA.

INTRODUÇÃO

Este artigo é uma adaptação do trabalho final de graduação da autora e caracteriza-se como uma pesquisa de campo, cujo objetivo foi descrever e analisar a fala popular entre descendentes de imigrantes italianos. Partiu-se do pressuposto de que a fala é um elemento essencial para a vida social de qualquer pessoa. Nesse sentido, a linguagem se constitui em um instrumento extraordinário. Para dinamizar a comunicação, a linguagem serve-se de uma língua, através da qual o contato com diferentes culturas e classes sociais se concretiza de forma mais ampla. Cada povo tem peculiaridades, na comunicação, que lhe são próprias e cada indivíduo difere um do outro. O modo de falar “diferente” de cada pessoa ou de cada comunidade é posto em evidência quando os estudos lingüísticos se voltam para a variação de uma língua em seus mais distintos contextos. A maioria da população não é conhecedora dos diferentes níveis lingüísticos. Conseqüentemente, não reconhece como varia a sua própria maneira de falar, o idioleto, e nem a maneira de falar da coletividade, da comunidade em que está inserido, o dialeto. Com relação aos mais diversos modos de falar, não é difícil encontrar exemplos. É só prestar atenção à fala dos mais idosos, das pessoas mais instruídas e das menos instruídas. Vê-se, assim, que os diferentes modos de falar não se restringem somente às características de uma pessoa em particular, mas envolvem toda uma coletividade. Por fim, o conhecimento das múltiplas faces de uma língua poderá contribuir para que nossos professores de língua materna não discriminem ou estigmatizem os alunos que apresentarem características lingüísticas diferentes.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Diz Aurox: “Que o homem fale é um enigma; que seja o único a falar é igualmente misterioso” (1998, p. 29). Essa breve citação induz a uma reflexão sobre uma das tantas capacidades cognitivas que são atribuídas ao ser humano: a linguagem. Ao falar, o ser humano expressa os seus mais diversos estados de espírito, suas opiniões e todo um mundo que brota de sua subjetividade. Ao interagir, cada falante o faz de uma maneira toda particular. Muitas vezes, essa maneira peculiar de comunicação causa estranheza em algumas pessoas e até mesmo algum preconceito. Assim, é importante buscar explicações para certos tipos de fenômenos (variações) que a linguagem apresenta. Conseqüentemente, o que se tem pela frente é um estudo de uma determinada língua em particular, atrelada

a determinados segmentos sociais, psíquicos, étnicos e etários.

Dessa forma, esses segmentos justificam o mundo das variedades lingüísticas, que são derivadas das características de cada falante ou de uma coletividade de falantes. Elas não se apresentam, porém, em apenas um dado estágio de evolução, elas estão sempre num contínuo processo de evolução. Com isso, é a fala que vai dando à língua suas múltiplas faces. De acordo com Faraco (1987, p. 9), “as línguas humanas não constituem realidades estáticas; ao contrário, sua configuração estrutural se altera continuamente no tempo”.

Tal evolução lingüística vai depender do falante e do contexto, apresentando características e formas diferenciadas. Essa evolução pode ser percebida se forem confrontados documentos do português arcaico com documentos do português atual. Ao lado da mudança existe também toda uma variação lingüística, facilmente detectada se for comparado o falar de pessoas idosas com o falar dos mais jovens, mesmo entre pessoas da mesma etnia. Tais particularidades vão constituir um universo único, característico da cultura de um determinado povo. No entanto, esse povo passou por fases diversas e, como é comum à maioria dos seres humanos, a linguagem o acompanhou nessa evolução. A partir daí, infere-se também “que as mudanças lingüísticas, embora ocorrendo continuamente, se dão de forma lenta” (FARACO, 1987, p. 9). Na verdade, elas vão-se configurando em uma determinada fala popular. É o que tem ocorrido também nas colônias de imigrantes italianos, que se instalaram em diversas partes do estado sulino.

Originários de várias regiões da Itália, os imigrantes vieram pressionados pela necessidade de melhorar suas condições de vida. Por outro lado, trouxeram também consigo um legado cultural muito rico, conservado zelosamente durante muito tempo. Um dos traços culturais que marcou as origens da colonização foi o dialeto, responsável pela identificação étnica e pela transmissão, de geração a geração, de inúmeros conhecimentos e vivências. Diz Bunse (1978, p. 45) que eles trouxeram consigo, como lastro cultural, a tradição dos dialetos falados em seu lugar de origem. Acrescenta que hoje, passados cem anos desde o início da colonização italiana em terras do Rio Grande do Sul, netos e bisnetos daqueles pioneiros ainda conservam o dialeto como herança cultural. No entanto, esse precioso legado foi-se apagando com o passar do tempo, quase se extinguindo. Ao lado do progresso econômico, que distinguiu as zonas de colonização, os imigrantes zelaram também por tantos valores trazidos da região de origem, tanto no que se refere à religião quanto à política e costumes.

A cultura dos imigrantes italianos foi muito forte e, passados mais de cem anos, continua viva em muitas das famílias de descendentes. Alguns traços dialetais ainda estão presentes no falar de determinadas famílias, não mais com a força de outrora, mas, sim, como uma herança cultural. Frosi (1975, p. 62) destaca ser necessário sublinhar que as pequenas comunidades não viviam isoladas umas das outras e que, dentro de uma perspectiva histórica, os dialetos italianos foram sofrendo modificações ao longo do tempo.

Percebe-se então que a língua falada por aqueles primeiros imigrantes que chegaram ao Rio Grande Sul de imediato começou a apresentar características diferentes. Vários são os motivos que impulsionaram essa mudança: o sistema lingüístico transformou-se, obedecendo às necessidades de uma língua de mercado, ou seja, conforme a economia ia evoluindo, a língua também ia se alterando. Ainda de acordo com Frosi (1975, p. 77), um dos grandes responsáveis pela evolução lingüística italiana, entre outros, foi o comércio, ou seja, as comunidades que viviam no interior tinham que ir até centros mais estruturados para comercializarem seus produtos e, assim, garantirem sua subsistência. Ao interagirem com outras pessoas acabaram interagindo com outra língua, a portuguesa, ou outro dialeto. Conseqüentemente, acabaram adotando alguns caracteres da língua portuguesa no seu dialeto, ocasionando uma mescla lingüística.

Os anos se passaram, novas gerações surgiram, a “velha geração” cumpriu a sua missão de desbravar a nova terra e colonizá-la. Os primeiros imigrantes tentaram manter viva a sua cultura e o seu dialeto, porém a inadiável e tão necessária aculturação lingüística foi-se acelerando com as novas gerações que já não eram de imigrantes, mas, conscientes de sua condição de brasileiros, sentiam-se cada vez mais integrados na vida nacional (BUNSE, 1978, p. 53). Fica evidenciado, então, que não era mais possível para os primeiros imigrantes, que aqui chegaram, tentarem manter-se isolados das outras culturas. O que aconteceu, em resumo, foi uma perda da cultura italiana em favor da brasileira. O tempo foi inexoravelmente apagando muitas características originais, de tal forma que a população passou a fazer uso de dois códigos lingüísticos: o dialeto de origem e o português. O bilingüismo foi e, em certas regiões, continua sendo uma realidade. Bunse confirma que o grupo, em situação de contato, serve-se do dialeto quando o domínio particular está aberto ou apropriado para seu uso. Nos outros casos, o português é a língua de comunicação (1978, p. 54).

Assim, tem-se a possibilidade de verificar como a língua portuguesa

é falada por descendentes de italianos e evidenciar, em um determinado período, quais processos evolutivos ocorreram.

Mas o que pode mudar em uma língua? Segundo Faraco (1987, p. 20), são vários os aspectos que podem sofrer mudanças numa língua; qualquer parte pode mudar, desde a pronúncia até a organização semântica e pragmática. Por exemplo: a morfologia (estrutura interna das palavras), a sintaxe (organização das orações), a semântica (significação) e a pragmática (uso) estão em constante modificação. Com relação às mudanças fonéticas, destacam-se os fenômenos de subtração, de acréscimo, de permuta e de transposição de fonemas em uma palavra. Os metaplasmos de subtração, quando se dão no início do vocábulo, levam o nome de aférese; quando no interior, denominam-se síncope e, ao final, apócope. Os metaplasmos de adição, quando se dão no início de palavra, denominam-se prótese; quando no meio, epêntese e, ao final, paragoge. Há também os fenômenos fonéticos de troca: elevação, monotongação, ditongação, nasalização, desnasalização, rotacismo, lambdacismo, entre outros. Em constante evolução, o ser humano não percebe a mudança, mas utiliza-a em diferentes situações e também de formas diferentes.

Nesse sentido, tornam-se compreensíveis todas as modificações que podem acontecer em uma determinada língua. Por outro lado, fica o questionamento de qual o motivo que leva uma língua a se tornar tão flexível a mudanças, tão vulnerável e a ter faces tão diferentes. O ser humano, por estar sempre interagindo com as mais variadas situações, torna-se um camaleão lingüístico, o que, de acordo com Faraco (1987, p. 248), é questão de o indivíduo humano estar sempre envolvido em situações diferenciadas e, portanto, o uso lingüístico não será o mesmo de um local para outro. No entanto, essa multiplicidade não surge instantaneamente. Uma língua não se altera de um dia para outro, existe uma série de fatores que podem contribuir para uma mudança lingüística. Nesse contexto, torna-se viável explorar os fatores de ordem externa que influenciam na variação da língua; esses, por sua vez, são aspectos socioculturais que circundam o falante. Segundo Preti (1997), são a idade, o sexo, a raça (ou cultura), a profissão, a posição social, o grau de escolaridade, o local em que reside na comunidade, a classe econômica, direcionando o falar para os dialetos sociais (culto/popular), isto é, não é somente um fator que vai determinar a maneira de falar do indivíduo, mas sim, uma série de fatores, decisivos no falar de um indivíduo ou da comunidade em que ele se insere. Ainda, segundo o mesmo autor, existem também os fatores ligados à situação, ao ambiente, ao tema, ao estado emocional do falante, ao grau de intimidade entre os falantes, gerando assim níveis de fala

ou registros (formal/coloquial), ou seja, esses fatores irão influenciar a maneira como cada indivíduo vai falar, adequando-se a uma fala mais ou menos prestigiada.

Ao avaliar essas variações lingüísticas, percebem-se também os diversos modos de falar de cada pessoa, de cada povo, de cada região. Quando se toma por referência o falar de um determinado grupo étnico, entra-se em contato com o mundo do dialeto, que, segundo Dubois et al. (1995), “é uma forma de língua, usada num local restrito, que possui um sistema léxico, sintático e fonético próprio” (p. 148).

Na verdade, o falar diferente está presente em qualquer contexto social. Dessa forma, qualquer pessoa jamais poderá ser estigmatizada ou excluída do meio por causa de sua linguagem. Gnerre (1998, p.10) diz, nesse sentido, que cidadãos, apesar de declarados iguais perante a lei, são, na realidade, discriminados já na base do código em que a lei é regida. Acrescenta que a maioria dos cidadãos não tem acesso ao código ou, às vezes, tem uma possibilidade reduzida de acesso, constituída pela “norma pedagógica” ali ensinada. Finaliza afirmando que, apesar de fazer parte da experiência de cada um, o fato de as pessoas serem discriminadas pela maneira como falam, fenômeno que se pode verificar em todo mundo, no caso do Brasil não é difícil encontrar afirmações de que aqui não existem diferenças dialetais.

Ao se verificar a questão dessas variações e diferentes linguagens, pode-se também ressaltar a necessidade de o professor de língua materna estar apto a saber instruir os seus alunos de que, à medida em que a língua evolui, os “primeiros falantes”, os mais velhos, vão ficando com uma língua com um tipo de características fortemente marcadas, enquanto a nova geração surge com uma “língua nova”, com outras características. Esses novos falantes acabam, alguns, estigmatizando os mais velhos por causa do seu modo de falar. No entanto, não percebem que a linguagem é única, de cada um, do interior de cada pessoa e deve ser respeitada em cada faixa etária, em cada classe social e em cada origem cultural.

METODOLOGIA

A pesquisa seguiu as etapas a seguir descritas.

Para a coleta do *corpus* foram elaborados questionários, com perguntas adequadas ao contexto de vida e idade dos informantes entrevistados. Foram selecionados dois grupos de informantes: o primeiro grupo com idade superior a sessenta e cinco anos e o outro, com idades entre dez e doze anos. A seleção dos informantes teve como critérios a

ascendência italiana e uma diferença de, aproximadamente, cinquenta anos entre os grupos, sem levar em conta a diferença de sexo. Esse distanciamento etário teve como objetivo conferir a evolução da língua portuguesa. Para o grupo de mais idade foram feitas perguntas sobre fatos marcantes da própria vida. Para o outro grupo, as perguntas versaram sobre escola, aulas, esportes, profissão. No decorrer das entrevistas, o questionário sofreu alterações, com o acréscimo de perguntas que favorecessem melhor interação entre investigador e informante.

As entrevistas, com a aquiescência dos informantes e das próprias escolas, foram todas gravadas, o que se constituiu no *corpus* da pesquisa. A seguir, foi feita a transcrição das entrevistas para o registro escrito. Com os dados devidamente transcritos, procedeu-se a descrição e a análise dos fenômenos de variação lingüística verificados, o que resultou em algumas conclusões. Foi dada preferência aos fenômenos lingüísticos de ordem fonética.

A íntegra das entrevistas, questionários, anexos, transcrições, descrições e análises constam no trabalho final de curso (TFG), arquivado na biblioteca da UNIFRA.

ANÁLISE DO CORPUS

Dando seqüência à pesquisa, após a coleta do *corpus* e descrição dos fatos fonéticos nele evidenciados, a análise permitiu uma radiografia da fala, em língua portuguesa, dos informantes pesquisados. Numa perspectiva sincrônica, foram observadas as variações existentes no momento e numa perspectiva diacrônica, no decurso de meio século, a verificação da mudança foi possível através da comparação das falas dos dois grupos. Na seqüência do trabalho, passam a ser analisados os principais fatos fonéticos identificados na pesquisa.

Primeiramente, com relação ao falar dos idosos, ficou evidenciado um grande número de variações fonéticas, dentre as quais as mais recorrentes referem-se à queda de fonemas nas palavras, independentemente do ponto de incidência. São bastante comuns as aféreses (tá, tava, té). Muitos são os casos de apócopies, principalmente do fonema “r” em final de palavra (sustentá, istudá, formá, crescê, comprá, colhê, dizê, trabaiá, botá, qué, qualqué, usá, jogá, explicá, metê, lidá, brincá, inventá, tê, sobrá, praticá, pegá, sê, fazê, dá, vamo, temo). Com relação à troca de fonemas, verificaram-se monotongações (mudô, vô, dexaram, virô, aceito, dexo, incomodô, sô, fico, baxo, poco), ditongações (vocêis, nóis, mais, treis), rotacismos (Cráudio, compreto), suarabácti (adivogada), nasalizações

(inducados, Intália, ansim), desnasalizações (nom, educaçom, intom, jove), despalatalizações (óia, trabaiá, melhorasse), e elevações (im, i, iducam, mãi, puera, istudam, intom, querim, istrada, filmi, incomodá). Foram muito freqüentes as monotongações, ou seja, a redução de ditongo, e as apócopes. Não resta dúvida de que o falar desses descendentes de italianos espelha perfeitamente as tendências da língua portuguesa popular do Brasil. É interessante observar também que esse grupo apresentou pouquíssimas palavras e expressões do dialeto vêneto (ma = mas; ghiné de boni = há gente boa; tirarse do del corpo = tirar do corpo; guimo criá cussita = fomos criados assim; mese = mês).

Com relação ao grupo dos mais jovens, de imediato foi possível detectar que não há mais a presença de palavras e expressões do dialeto vêneto. Características semelhantes puderam ser constatadas nos processos de queda, acréscimo ou troca de fonemas, mais ou menos como no grupo anterior, só que em número bem inferior.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através da análise foi possível evidenciar que a linguagem utilizada por cada um dos grupos, apesar da diferença de meio século em termos de idade, apresenta características bastante semelhantes. Foi observado que os falantes mais idosos, de certa forma, perderam quase que completamente as palavras que eram próprias do dialeto vêneto, dado que eles acabaram adotando a língua portuguesa como sua, embora ainda conservem alguns resquícios do seu dialeto. O grupo dos jovens já está perfeitamente integrado ao linguajar comum do Brasil, sem qualquer resquício dos dialetos de origem.

Ao longo da pesquisa foi possível constatar as múltiplas faces da linguagem popular. Foi através desse estudo, com dois grupos de informantes, que se chegou a essa conclusão, visto que as falas de todos apresentam queda de fonemas, monotongações, ditongações, nasalizações, desnasalizações, entre outros fatos fonéticos. Diferem, porém, pelo fato de o grupo mais jovem não apresentar expressões típicas do seu dialeto de origem. Nesse sentido, outra observação que pode ser feita, a partir da pesquisa, é que as expressões típicas de um dialeto, no caso o vêneto, praticamente desapareceram, mesmo na zona rural. Com o passar de mais alguns anos, os descendentes dos imigrantes italianos não mais identificarão a linguagem que era falada por seus ancestrais, acarretando assim, em nível cultural, uma perda de identidade e de valores referentes à etnia de origem. Essa perda, de uma certa forma, até pode ser

compreendida, pois à medida em que a sociedade evolui o ser humano também vai evoluindo e, conseqüentemente, para uma melhor interação no mundo em que as pessoas estão inseridas. Assim a língua também tem que se adaptar e sofrer modificações.

Torna-se relevante ainda salientar que a escola e os meios de comunicação, especialmente a televisão, são os grandes responsáveis pela unidade lingüística, exercendo maior sobre a geração nova e bem menos sobre a geração mais velha. Em função disso pode-se entender um uso maior das formas populares por parte do grupo dos idosos e bem menor por parte dos mais jovens. Aproveitando essa conclusão, gostaríamos de dizer aos professores de língua materna que tenham sempre presentes as múltiplas faces da língua popular e levem em consideração o fato de a língua estar em constante evolução e que, em toda e qualquer forma em que ela se manifeste, é importante instruir os alunos a aceitá-la sem nenhum tipo de preconceito, dado que as variedades lingüísticas fazem parte de qualquer língua falada.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUROUX, Sylvain. **A filosofia da linguagem**. Campinas: Ed Unicamp, 1998.

BUNSE, Heinrich A. W. **O vinhateiro**: estudo etnográfico-lingüístico sobre o colono italiano no RS. Porto Alegre: UFRGS/IEL, 1978.

DUBOIS, Jean et al. **Dicionário de lingüística**. São Paulo: Ática, 1995.

FARACO, C. A. **Lingüística histórica**. São Paulo: Ática, 1987.

FROSI, Vitalina Maria; MIORANZA, Ciro. **Imigração italiana no nordeste do Rio Grande do Sul**: processos de formação e evolução de uma comunidade Ítalo-Brasileira. Porto Alegre: Movimento, 1975.

GNERRE, Maurizio. **Linguagem, escrita e poder**. 4ª. ed. São Paulo, 1998.

PRETI, Dino. **Sociolingüística**: os níveis de fala. 8ª. ed. São Paulo: Edusp, 1997.